



**FACULDADE DE TECNOLOGIA DE AMERICANA “Ministro Ralph Biasi”
Curso Superior de Tecnologia em Gestão Empresarial**

Mariana Andrade dos Santos

**Trabalho Sazonal na safra de cana: Desafios, Contratação e Condições Pós
Safra**

**Americana, SP
2025**

**FACULDADE DE TECNOLOGIA DE AMERICANA “MINISTRO RALPH BIASI”
Curso Superior de Tecnologia em Gestão Empresarial**

Mariana Andrade dos Santos

**Trabalho Sazonal na safra de cana: Desafios, Contratação e Condições Pós
Safra**

Trabalho de Conclusão de Curso desenvolvido em cumprimento à exigência curricular do Curso Superior de Tecnologia em Gestão Empresarial sob a orientação do Prof.^(o) do Prof. Me. Sérgio Luiz Cabrini.

Área de concentração: Gestão de Pessoas, Administração do Trabalho com Enfoque Social.

Americana, S. P.

2025

**FICHA CATALOGRÁFICA – Biblioteca Fatec Americana Ministro Ralph Biasi-
CEETEPS Dados Internacionais de Catalogação-na-fonte**

SANTOS, Mariana Andrade dos

Trabalho sazonal na safra de cana: desafios, contratação e condições pós safra. / Mariana Andrade dos Santos – Americana, 2025.

29f.

Monografia (Curso Superior de Tecnologia em Gestão Empresarial) - - Faculdade de Tecnologia de Americana Ministro Ralph Biasi – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza

Orientador: Prof. Ms. Sérgio Luiz Cabrini

1. Administração da produção 2. Administração de recursos humanos 3. Brasil – legislação. I. SANTOS, Mariana Andrade dos II. CABRINI, Sérgio Luiz III. Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza – Faculdade de Tecnologia de Americana Ministro Ralph Biasi

CDU: 658.5

658.3

340134

Elaborada pelo autor por meio de sistema automático gerador de ficha catalográfica da Fatec de Americana Ministro Ralph Biasi.

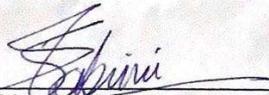
Mariana Andrade dos Santos

Trabalho Sazonal na safra de cana: Desafios, Contratação e Condições Pós Safra

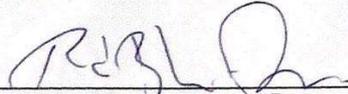
Trabalho de graduação apresentado como exigência parcial para obtenção do título de Tecnólogo em Gestão Empresarial pelo Centro Paula Souza – Faculdade de Tecnologia de Americana – Ministro Ralph Biasi.
Área de concentração: Gestão de Pessoas e Relações de Trabalho

Americana, 27 de junho de 2025

Banca Examinadora:



Prof. Me. Sergio Luiz Cabrini (Presidente)
Mestre
Fatec Americana Ministro Ralph Biasi



Prof. Me. Ricardo Bertoni Pompeu
Mestre
Fatec Americana Ministro Ralph Biasi



Prof. Esp. Cintia Gimenez da Cunha
Especialista
Fatec Americana Ministro Ralph Biasi

“A verdadeira motivação vem de realização, desenvolvimento pessoal, satisfação no trabalho e reconhecimento”

- Frederic Herzberg

RESUMO

O trabalho sazonal na safra da cana-de-açúcar mobiliza milhares de trabalhadores migrantes no Brasil, especialmente aqueles vindos do Norte do país. Esse fenômeno apresenta desafios significativos relacionados às condições de contratação, moradia, transporte e à incerteza quanto ao período pós-safra. O presente trabalho teve como objetivo analisar os desafios enfrentados por esses trabalhadores, compreendendo a dinâmica de sua contratação e investigando suas condições após o término do vínculo empregatício. Deste modo, foi realizada uma pesquisa qualitativa com base em revisão bibliográfica e estudo de caso, incluindo entrevistas com trabalhadores sazonais da região. Os resultados apontam que, apesar da importância econômica desse tipo de emprego, muitos trabalhadores enfrentam dificuldades relacionadas à precarização do trabalho, ausência de garantias trabalhistas e falta de suporte após o encerramento da safra. Sendo assim, diante do cenário, este estudo busca contribuir para o debate sobre melhorias nas condições desses trabalhadores, destacando a necessidade de políticas públicas e práticas empresariais mais justas.

Palavras-chave: trabalho sazonal; safra migração; desafios trabalhistas.

ABSTRACT

Seasonal work in the sugarcane crop mobilizes thousands of migrant workers in Brazil, especially those from the north. This phenomenon presents significant challenges related to hiring conditions, housing, transportation and uncertainty about the post-harvest period. The present work aimed to analyze the challenges faced by these workers, understanding the dynamics of their hiring and investigating their conditions after the end of employment. In this way, qualitative research was carried out based on literature review and case study, including interviews with seasonal workers in the region. The results show that, despite the economic importance of this type of employment, many workers face difficulties related to job insecurity, absence of labor guarantees and lack of support after the crop closure. Thus, given the scenario, this study seeks to contribute to the debate on improvements in the conditions of these workers, highlighting the need for public policies and fairer business practices.

Keywords: seasonal work; crop; migration labor challenges.

LISTA DE FIGURA

Figura 1: Corte manual da cana em SP segue no foco do Ministério Público -----

-----13

LISTA DE GRÁFICO

Gráfico 1: Condições de vida dos trabalhadores migrantes no corte da cana 20

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 ANTECEDENTES	11
2.1 A cultura do cana-de-açúcar no Brasil	12
2.2 O mercado sucroalcooleiro e a demanda por mão de obra	13
2.3 A mecanização e seus impactos no trabalho manual	14
3 O TRABALHO SAZONAL NA CANA DE AÇÚCAR	16
3.1 Definição e características do trabalho sazonal	16
3.2 Condições de trabalho nos canaviais brasileiros	16
4 PROCESSO DE CONTRATAÇÃO E RELAÇÕES DE TRABALHO	18
4.1 A história e o perfil dos trabalhadores sazonais nos canaviais paulistas	18
4.2 Direitos trabalhistas e desafios enfrentados	19
4.3 Legislação	20
5 IDENTIDADE E ESTRATÉGIAS DE RESISTÊNCIA DOS TRABALHADORES.	22
5.1 Construção da identidade do trabalhador rural	22
5.2 Estratégias de adaptação e resistência no ambiente de trabalho	23
5.3 Relatos sobre a experiência de trabalhadores migrantes na cana-de-açúcar em Santa Bárbara d'Oeste	24
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	26
REFERÊNCIAS	27

1 INTRODUÇÃO

O trabalho sazonal é uma realidade presente em diversas regiões do Brasil, especialmente no setor agrícola, onde a demanda por mão de obra varia conforme os períodos de colheita. Dentre essas atividades, a safra da cana-de-açúcar se destaca pela sua importância econômica e pelo grande número de trabalhadores temporários que se mobilizam, a cidade de Santa Barbara d' Oeste por exemplo recebe muitos trabalhadores nesse período. Muitos desses trabalhadores migram de outras regiões do país, especialmente do Norte/Nordeste, em busca de oportunidades de emprego.

A sazonalidade desse tipo de trabalho impõe desafios tanto para os empregadores quanto para os trabalhadores. Enquanto as usinas e fazendas precisam lidar com a gestão temporária da mão de obra, os trabalhadores enfrentam questões como longas jornadas, condições de trabalho exaustivas, baixa remuneração e a falta de garantias trabalhistas adequadas. Além disso, após o término da safra, muitos desses trabalhadores retornam para suas cidades de origem sem perspectivas claras de reinserção no mercado de trabalho, enfrentando dificuldades econômicas e sociais.

Diante desse contexto, este estudo busca analisar os desafios enfrentados pelos trabalhadores sazonais da safra da cana, desde o processo de contratação até sua situação após o término do período de trabalho. Questões como as condições de trabalho, moradia, transporte e a falta de estabilidade financeira serão abordadas para compreender os impactos socioeconômicos dessa modalidade de emprego.

Neste sentido, o presente trabalho foi realizado objetivando analisar as principais dificuldades e possíveis caminhos para a melhoria das condições trabalhistas.

2 ANTECEDENTES

A migração do trabalho no setor agrícola brasileiro é um fenômeno importante, especialmente no setor da produção de cana-de-açúcar. O Brasil é o maior produtor mundial dessa cultura, e sua cadeia produtiva envolve os trabalhadores sazonais, que se deslocam entre regiões em busca de oportunidades temporárias de emprego.

Segundo Santos Júnior (2014), no artigo *“Quando o espelho não reflete a imagem: Identidades no contexto do trabalho sazonal da cana-de-açúcar”*, a mão de obra volante no setor sucroalcooleiro se caracteriza pela instabilidade, condições de trabalho precárias e a necessidade de adaptação a novos ambientes de trabalho.

A mecanização crescente e a proibição das queimadas vêm reduzindo a necessidade de trabalhadores no corte da cana, impactando diretamente a dinâmica do emprego sazonal. Apesar da modernização, o setor ainda convive com formas de trabalho que remetem à precariedade, um fator ainda muito discutido na literatura acadêmica. O artigo de Santos Júnior (2014) destaca que, embora a imagem do trabalhador da cana seja frequentemente associada à exploração e degradação física, é necessário considerar também a perspectiva dos próprios indivíduos envolvidos nesse processo.

Além disso, a análise de Santos Júnior (2014) ressalta que a experiência do trabalho nos canaviais não pode ser reduzida apenas a um discurso de precarização. Os trabalhadores desenvolvem formas próprias de interpretar e lidar com sua realidade, o que demonstra uma dimensão ativa e reflexiva no modo como negociam sua permanência no setor. Esse olhar desafia a visão tradicional que os descreve exclusivamente como agentes passivos diante das condições impostas pelo mercado.

No contexto brasileiro, a migração sazonal impulsionada pela safra da cana-de-açúcar tem impactos diretos não apenas no mercado de trabalho, mas também nas dinâmicas sociais e econômicas das regiões envolvidas. Muitos trabalhadores retornam anualmente para os mesmos empregadores, enquanto outros buscam novas oportunidades em diferentes estados, caracterizando um fluxo migratório constante.

Essa mobilidade influencia as relações de trabalho, a organização sindical e as políticas públicas voltadas para a proteção desses trabalhadores.

Diante desse panorama, o presente estudo busca aprofundar a compreensão sobre os desafios enfrentados pelos trabalhadores sazonais da cana-de-açúcar, analisando não apenas os aspectos estruturais da contratação e das condições de trabalho, mas também as percepções individuais e coletivas sobre essa experiência laboral.

2.1 A cultura do cana-de-açúcar no Brasil

A cana-de-açúcar ocupa uma posição importante na economia brasileira, sendo um dos cultivos mais importantes do país, sendo o Brasil o maior produtor mundial (Abreu et al., 2013; Cesar; Silva, 2003; Marques et al., 2013). Sua história no Brasil vem desde o período colonial, tendo sido introduzida em 1532 por Martim Afonso de Souza na Capitania de São Vicente, localizada na atual Baixada Santista (Cesar; Silva, 2003; Soares et al., 2013). Em seguida, o cultivo se expandiu para a Região Nordeste, onde encontrou condições climáticas e edáficas favoráveis, consolidando-se como a principal atividade econômica do Brasil Colônia (Zambon; Araújo, 2014).

Durante os séculos XVI e XVII, a produção de açúcar tornou-se a maior fonte de riqueza do país. A região Nordeste, em especial Pernambuco, Bahia, Alagoas, Sergipe e Paraíba, destacou-se na produção, impulsionada pelo uso de mão de obra escravizada africana e pelo favorável solo massapê (Soares et al., 2013). Com a invasão holandesa no século XVII, a indústria açucareira local passou por algumas mudanças, beneficiando-se das técnicas trazidas pelos europeus (Cesar; Silva, 2003).

Atualmente, a cultura da cana-de-açúcar desempenha um papel fundamental na produção de açúcar e etanol, sendo uma das principais fontes de biocombustíveis (Brochier et al., 2016). O Brasil possui aproximadamente sete milhões de hectares dedicados ao cultivo da cana, com estimativas indicando que cerca de 64,7 milhões de hectares são aptos à sua expansão (Manzatto et al., 2009).

O cultivo da cana-de-açúcar no Brasil também se destaca pela sua versatilidade. Além da produção de açúcar e etanol, a planta é utilizada na fabricação

de aguardente, rapadura, melado e como forragem para alimentação animal (Lui et al., 2011).

Recentemente, pesquisas têm explorado novas possibilidades para o aproveitamento integral da cana, incluindo o uso de seus subprodutos na geração de bioenergia e na produção de biomateriais sustentáveis (Brasil, 2018). Dessa forma, a cana-de-açúcar continua sendo um elemento central na matriz econômica e energética do Brasil.

Figura1: Corte manual da cana em SP segue no foco do Ministério Público



Fonte: GLOBO, 2014.

2.2 O mercado sucroalcooleiro e a demanda por mão de obra

A demanda por mão de obra nesse segmento apresenta características específicas, principalmente devido à sazonalidade da colheita. Historicamente, o corte manual da cana-de-açúcar exigia um grupo de trabalhadores sazonais, que se deslocavam entre regiões produtoras em busca de emprego temporário. Esse

movimento migratório é um dos principais fatores que estruturam a dinâmica da mão de obra no setor.

Nos últimos anos, a mecanização da colheita da cana-de-açúcar vem reduzindo significativamente a necessidade de trabalhadores braçais. A introdução de colheitadeiras automáticas tem causado impacto direto na oferta de empregos para cortadores de cana, promovendo uma mudança no perfil da mão de obra demandada. Atualmente, há um aumento na busca por trabalhadores qualificados para operar máquinas e equipamentos, enquanto o trabalho manual tem sido progressivamente reduzido.

Apesar da modernização, ainda há uma parcela significativa da produção que depende da colheita manual, especialmente em regiões onde o relevo não permite a mecanização. Nessas áreas, os trabalhadores continuam enfrentando condições adversas. Além, disso, a extinção gradual de trabalhos manuais sem a devida qualificação profissional tem gerado desafios sociais, incluindo o aumento do desemprego.

2.3 A mecanização e seus impactos no trabalho manual

A mecanização da colheita de cana-de-açúcar tem sido um dos principais fatores de transformação no setor sucroalcooleiro, impactando diretamente os trabalhadores manuais. O avanço das colheitadeiras, impulsionado pela intensificação da tecnologia, pelo discurso ambiental e pelo aumento dos custos do trabalho manual, reduziu significativamente a necessidade de cortadores de cana, especialmente a partir da década de 2000. No entanto, esse processo não ocorreu de forma homogênea, pois envolve altos custos de adaptação e desafios técnicos em regiões de relevo acidentado. Segundo o estudo da Unicamp "**Os impactos da mecanização da colheita de cana-de-açúcar sobre os trabalhadores migrantes**", a mecanização exige mudanças estruturais na produção, como a ampliação dos talhões e o uso de cultivares específicas, além do alto custo das colheitadeiras, que pode atingir R\$ 2 milhões. Por essa razão, algumas empresas ainda optam pelo corte manual, avaliando-o como economicamente mais viável em determinadas circunstâncias (UNICAMP, 2011).

Mesmo com o avanço da mecanização, ainda há barreiras a serem superadas, como a eficiência do corte em terrenos irregulares e a redução das perdas durante a colheita. O estudo da Unicamp também destaca que, embora a modernização do setor tenha reduzido a oferta de trabalho manual, a transição para o uso de máquinas não ocorre sem resistência. No entanto, como observado pelo estudo, a opção pelo corte manual ainda persiste em alguns casos, pois pode ser mais produtiva a longo prazo, garantindo maior longevidade das plantas e menor impacto na produtividade futura (Silva, 2010). Dessa forma, percebe-se que a mecanização não apenas substitui o trabalho manual, mas reconfigura a dinâmica produtiva, exigindo um novo olhar sobre os desafios enfrentados tanto pelas empresas quanto pelos trabalhadores do setor.

3 O TRABALHO SAZONAL NA CANA DE AÇÚCAR

O trabalho sazonal é caracterizado pela sua natureza temporária, vinculada a períodos específicos do ano em que a demanda por mão de obra aumenta devido a fatores como colheitas agrícolas, turismo e eventos sazonais. No setor sucroalcooleiros, por exemplo, a necessidade de trabalhadores cresce durante a safra da cana-de-açúcar, momento em que milhares de migrantes se deslocam para as regiões produtoras em busca de emprego.

3.1 Definição e características do trabalho sazonal

O trabalho sazonal é uma forma de emprego temporário diretamente influenciada por fatores ambientais, econômicos ou comerciais que determinam períodos de alta e baixa demanda por mão de obra. No setor agrícola, ele ocorre em função dos ciclos produtivos das culturas, exigindo grande volume de trabalhadores durante a colheita e dispensando-os ao final da safra.

3.2 Condições de trabalho nos canaviais brasileiros

O trabalho nos canaviais brasileiros é caracterizado por um esforço físico intenso, jornadas prolongadas e exposição a diversos riscos ocupacionais. Apesar da mecanização crescente, o corte manual da cana ainda é uma realidade para milhares de trabalhadores, especialmente migrantes nordestinos, que se deslocam para as lavouras do interior paulista e de outros estados em busca de oportunidades sazonais. Esse contexto evidencia um ambiente de trabalho penoso e, muitas vezes, precarizado.

Os cortadores de cana enfrentam muitas exigências produtivas. Segundo Santos e Souza (2012), as usinas têm priorizado a contratação de trabalhadores que consigam superar a meta diária de 10 toneladas de cana, o que implica em uma sobrecarga física significativa. Além disso, as longas jornadas, que variam entre 8 e 12 horas diárias, sob altas temperaturas e exposição à poeira e fuligem, tornam a atividade exaustiva e potencialmente prejudicial à saúde dos trabalhadores (Alves, 2006).

Apesar do uso obrigatório de Equipamentos de Proteção Individual (EPI), a proteção oferecida muitas vezes se revela insuficiente. Rocha (2007) e Alves (2006) destacam que as vestimentas, que incluem camisas de manga comprida, luvas, calças e botas com biqueira de aço, acabam por aumentar o desconforto térmico dos trabalhadores. Além disso, a baixa qualidade desses equipamentos pode comprometer sua eficácia na prevenção de acidentes, como cortes profundos e contato com animais peçonhentos.

O ambiente de trabalho também se relaciona diretamente com as condições de moradia dos trabalhadores sazonais. Muitos vivem em alojamentos superlotados, sem infraestrutura adequada, o que agrava os impactos de um trabalho cansativo. Segundo Rocha (2007), a precariedade dessas condições contribui para o adoecimento dos cortadores de cana, tornando-os ainda mais vulneráveis. Dessa forma, o trabalho nos canaviais não apenas representa um desafio físico, mas também expõe esses trabalhadores a um cenário de insegurança e marginalização social.

4 PROCESSO DE CONTRATAÇÃO E RELAÇÕES DE TRABALHO

4.1 A história e o perfil dos trabalhadores sazonais nos canaviais paulistas

A migração de trabalhadores nordestinos para o corte da cana-de-açúcar em São Paulo tem raízes históricas, mencionando às décadas de 1960 e 1970, quando se intensificou o processo de mecanização parcial e de ampliação dos canaviais no interior paulista. Frente à demanda por mão de obra excessiva, trabalhadores de regiões como Alagoas, Pernambuco, Bahia e Paraíba passaram a compor o contingente sazonal que anualmente se deslocava para o Sudeste em busca de trabalho.

Esses trabalhadores são, em sua maioria, homens jovens, com baixa escolaridade, oriundos de áreas rurais empobrecidas e com poucas oportunidades de emprego em suas localidades de origem. Muitas vezes, iniciam a jornada de migração por meio de redes familiares ou por aliciadores (os chamados “gatos”), que promovem o recrutamento em seus estados natais e organizam o transporte até as usinas paulistas.

Ao chegar aos destinos de trabalho, são instalados em alojamentos coletivos, muitas vezes precários, com forte controle sobre sua rotina. O corte da cana é uma atividade que exige esforço físico extremo, sendo comum que os trabalhadores enfrentem jornadas exaustivas, metas diárias elevadas e condições insalubres. O pagamento é geralmente feito por produção (tonelada cortada), o que os expõe a altos riscos físicos em troca de rendimentos variáveis e, muitas vezes, insuficientes.

Outro ponto relevante é o ciclo de retorno. Após o fim da safra, muitos desses trabalhadores retornam aos seus estados de origem, em uma repetição anual de deslocamentos temporários. Esse movimento pendular entre Nordeste e Sudeste gera uma condição de instabilidade socioeconômica e familiar, já que o trabalho é incerto e as políticas públicas de reintegração e qualificação são ausentes. Esse processo alimenta um ciclo de vulnerabilidade e segregação desses sujeitos, que permanecem à margem tanto nos estados de origem quanto nos de destino.

Assim, a história dos trabalhadores sazonais nordestinos nos canaviais paulistas é marcada por relações assimétricas, exploração, desproteção social e

ausência de políticas efetivas que garantam condições dignas de trabalho e alternativas em suas regiões de origem.

4.2 Direitos trabalhistas e desafios enfrentados

Os trabalhadores sazonais da colheita da cana-de-açúcar, especialmente os migrantes nordestinos, enfrentam um cenário complexo no que diz respeito aos direitos trabalhistas e à proteção social. Em teoria, a legislação trabalhista brasileira, incluindo a Consolidação das Leis do Trabalho (CLT) e normas específicas para o trabalho rural, deveria garantir benefícios como registro em carteira, jornada regulamentada e acesso a direitos previdenciários. No entanto, conforme argumenta Almeida (2013), a realidade do setor sucroalcooleiro apresenta diversas barreiras à efetivação desses direitos, expondo os cortadores de cana a condições precárias.

Um dos principais desafios enfrentados por esses trabalhadores é o modelo de recrutamento, frequentemente realizado por intermediários conhecidos como "gatos". Como aponta Almeida (2013), essa intermediação resulta, em muitos casos, na ausência de contratos formais e na dificuldade de acesso a garantias trabalhistas.

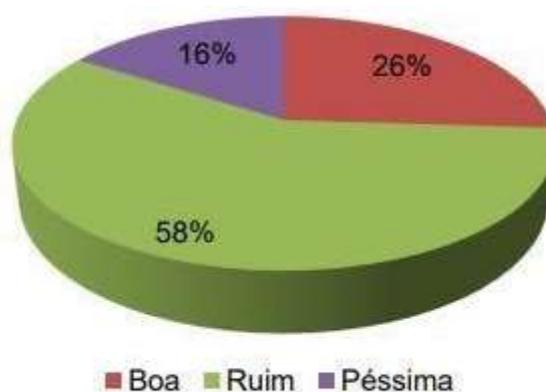
Além disso, há relatos de retenção de documentos, promessas de pagamento não cumpridas e condições degradantes que aproximam o trabalho da cana de práticas análogas à escravidão. A forma de remuneração baseada na produtividade também intensifica a exploração, uma vez que os cortadores são incentivados a ultrapassar seus limites físicos para alcançar as metas impostas pelas usinas, colocando em risco sua saúde e segurança.

A fiscalização das condições de trabalho nos canaviais representa outro grande entrave para a proteção desses trabalhadores. Almeida (2013) destaca que, apesar dos esforços de órgãos reguladores e sindicatos, a extensão territorial das plantações e a estrutura descentralizada das contratações dificultam a identificação e punição de irregularidades. Mesmo quando ocorrem fiscalizações, as sanções aplicadas às usinas ou aos intermediários nem sempre resultam em mudanças significativas. Além disso, o avanço da mecanização trouxe novos desafios, pois reduziu a quantidade de postos de trabalho, tornando a concorrência entre os cortadores ainda mais acirrada e aumentando a insegurança no setor.

Diante desse cenário, Almeida (2013) ressalta a importância de políticas públicas mais eficazes para garantir melhores condições de trabalho nos canaviais. Medidas como a

ampliação da fiscalização, o fortalecimento dos sindicatos e a oferta de moradia e transporte dignos para os trabalhadores migrantes são essenciais para reduzir sua vulnerabilidade. Sem ações concretas, os desafios enfrentados pelos cortadores de cana continuarão perpetuando um ciclo de exploração e insegurança social.

Gráfico1: Condições de vida dos trabalhadores migrantes no corte da cana



Fonte: Pesquisa direta, 2013.

4.3 Legislação

Apesar dos avanços legais e constitucionais conquistados nas últimas décadas, os trabalhadores rurais sazonais, como os cortadores de cana-de-açúcar, ainda enfrentam obstáculos significativos no acesso e cumprimento dos seus direitos trabalhistas. A **Constituição Federal de 1988**, em seu artigo 7º, estende aos trabalhadores rurais os mesmos direitos garantidos aos urbanos, como o salário mínimo, jornada de trabalho limitada a 8 horas diárias e 44 semanais, descanso semanal remunerado, férias, 13º salário e adicional de um terço sobre férias. No entanto, a aplicação prática desses direitos encontra barreiras quando se trata da força de trabalho migrante e temporária, comum nos canaviais (BRASIL, 1988).

A legislação específica para o trabalhador rural é representada pela **Lei nº 5.88G/1G73**, regulamentada pelo **Decreto nº 73.626/1G74**, que determina obrigações como registro em carteira, remuneração adequada, fornecimento de alojamento em

boas condições, alimentação e transporte por parte dos empregadores. Essas normas também estabelecem a necessidade de garantir condições mínimas de higiene, saúde e segurança durante a execução do trabalho no campo (BRASIL, 1973; BRASIL, 1974).

Além disso, a **Consolidação das Leis do Trabalho (CLT)** passou a integrar de forma mais ampla o trabalhador rural com as alterações promovidas ao longo dos anos, assegurando, por exemplo, o direito ao Fundo de Garantia por Tempo de Serviço (FGTS), ao seguro-desemprego e aos benefícios previdenciários. A inscrição do trabalhador rural como **segurado especial** junto ao Instituto Nacional do Seguro Social (INSS) também garante acesso à aposentadoria por idade, salário-maternidade e auxílio-doença, mesmo quando o vínculo formal de trabalho não é estabelecido (BRASIL, 1943).

Por fim, destaca-se o **artigo 14G do Código Penal Brasileiro**, que tipifica como crime o trabalho em condições análogas à escravidão. Isso inclui situações que, infelizmente, ainda são identificadas em lavouras de cana: jornada exaustiva, condições degradantes, retenção de documentos e servidão por dívida. Casos dessa natureza já foram denunciados e julgados, evidenciando a urgência da fiscalização ativa e de políticas públicas que coíbam práticas abusivas (BRASIL, 1940).

5 IDENTIDADE E ESTRATÉGIAS DE RESISTÊNCIA DOS TRABALHADORES.

5.1 Construção da identidade do trabalhador rural

A identidade do trabalhador rural, especialmente do cortador de cana migrante, é moldada por uma série de fatores históricos, culturais, sociais e econômicos. Ao longo do tempo, o trabalho no campo, antes associado à tradição familiar e à agricultura de subsistência, foi progressivamente substituído por um modelo de produção intensivo, marcado por exigências de produtividade, deslocamentos forçados e relações de trabalho instáveis. Nesse processo, a identidade desses trabalhadores passou a ser construída não apenas em torno da função que exercem, mas também da forma como são vistos socialmente e das estratégias que desenvolvem para lidar com as condições adversas do trabalho.

Segundo Santos Júnior (2014), a experiência no corte da cana não deve ser reduzida apenas à precariedade ou à submissão. Os próprios trabalhadores constroem sentidos sobre o que fazem e sobre quem são, muitas vezes valorizando sua resistência física, sua capacidade de suportar as condições difíceis e a importância econômica de sua atividade. Ao mesmo tempo, esses sujeitos lidam com estigmas sociais, como o rótulo de “força bruta” ou “trabalho pesado”, que influenciam sua autoestima, suas relações com a comunidade e até suas expectativas de futuro.

Essa identidade também é influenciada pela forma como os trabalhadores são recrutados, selecionados e tratados pelas empresas. Como observa Almeida (2013), os cortadores são geralmente escolhidos por critérios como força física, idade jovem e obediência, o que reforça uma imagem de trabalhador “útil e dócil”. Esses elementos compõem um modelo de trabalhador idealizado pelas usinas, que não necessariamente corresponde ao sujeito real, cheio de contradições, sonhos e estratégias de resistência.

A tese de doutorado de Raquel Alves de Carvalho, intitulada *“A construção da identidade e da cultura dos povos do campo, entre o preconceito e a resistência: o papel da educação”*, oferece uma análise sobre como a identidade dos povos do campo no Brasil foi historicamente construída e representada.

Carvalho destaca que, desde o final do século XIX, os discursos dominantes no Brasil estabeleceram uma dicotomia entre o “sertão” e o “litoral”, associando o

campo ao atraso e à rusticidade, enquanto o litoral era visto como símbolo de progresso e modernidade. Essa visão contribuiu para a marginalização dos povos do campo, desvalorizando suas culturas e modos de vida.

A autora argumenta que a educação desempenha um papel crucial nesse processo, podendo tanto reforçar estereótipos quanto promover a valorização das identidades camponesas. Ela enfatiza a importância de uma educação que reconheça e respeite as especificidades culturais dos povos do campo, contribuindo para a construção de uma identidade positiva.

Portanto, a construção da identidade do trabalhador rural nos canaviais deve ser entendida como um processo dinâmico, no qual os indivíduos não apenas ocupam um papel na estrutura produtiva, mas também constroem sentidos sobre sua condição.

5.2 Estratégias de adaptação e resistência no ambiente de trabalho

Apesar das condições precárias e da dureza do trabalho nos canaviais, os trabalhadores migrantes não se colocam apenas como vítimas passivas de um sistema explorador. Pelo contrário, como destaca Santos Júnior (2014), eles constroem, no cotidiano, estratégias diversas de adaptação e resistência que lhes permitem continuar atuando nesse ambiente hostil e, ao mesmo tempo, manter uma certa autonomia diante das exigências do trabalho sazonal.

Essas estratégias se manifestam de diferentes formas. Algumas são práticas e imediatas, como o uso de redes de solidariedade entre colegas de trabalho para dividir tarefas, compartilhar ferramentas e cuidar uns dos outros em situações de doença ou sobrecarga. Outras são simbólicas, como a maneira como os trabalhadores reinterpretam sua condição, buscando valorizar sua força, resistência e papel essencial na produção agrícola. Nesse sentido, resistir também significa afirmar uma identidade digna diante de um sistema que frequentemente os desumaniza (CARVALHO, 2014).

Almeida (2013) observa que muitos desses trabalhadores desenvolvem habilidades para lidar com os turmeiros e gestores, evitando conflitos diretos, mas sabendo impor limites quando necessário. Há também uma adaptação estratégica às metas de produtividade: alguns controlam seu ritmo, equilibrando esforço e descanso

para evitar lesões, enquanto outros negociam coletivamente melhores condições de alojamento ou transporte.

Essas formas de resistência não anulam a exploração, mas mostram que, mesmo em contextos de vulnerabilidade, os sujeitos constroem respostas criativas e conscientes. Isso reforça a importância de enxergar os trabalhadores sazonais para além de estatísticas ou estigmas, reconhecendo-os como agentes ativos, capazes de elaborar estratégias de sobrevivência, pertencimento e afirmação no campo do trabalho.

5.3 Relatos sobre a experiência de trabalhadores migrantes na cana-de-açúcar em Santa Bárbara d'Oeste

Em continuidade à abordagem qualitativa desta pesquisa, foram realizadas entrevistas informais com trabalhadores sazonais atuantes na colheita de cana-de-açúcar na cidade de Santa Bárbara d'Oeste, interior do estado de São Paulo. As informações obtidas, ainda que não generalizáveis, oferecem subsídios importantes para a compreensão das dinâmicas vivenciadas por esses trabalhadores, especialmente no que diz respeito às condições laborais, percepções sobre a migração e estratégias de enfrentamento.

A maioria dos entrevistados é oriunda do estado do Ceará e foi contratada por empresas terceirizadas para atuação em atividades relacionadas ao plantio e à colheita da cana. Os contratos são temporários, com duração entre cinco e nove meses, podendo ser prorrogados conforme a necessidade da safra. O trabalho é executado sob dois regimes principais: por diária, com pagamento ao final de cada jornada, e por produção, com remuneração atrelada ao desempenho.

Ao término do contrato, os trabalhadores retornam às suas cidades de origem. Muitos deles relatam que a migração é motivada, sobretudo, pela possibilidade de ganho financeiro, em contraste com a escassez de oportunidades em suas regiões: *“Vale a pena, pois aqui ganhamos dinheiro e no Norte não”*. No entanto, essa decisão envolve também sacrifícios emocionais, como a separação da família e a incerteza quanto ao retorno: *“Nós viemos pra cá, mas não sabemos se voltamos”*.

As jornadas começam às 4h40 da manhã, com deslocamento até o local de trabalho – geralmente em cidades vizinhas como Piracicaba ou Rio Claro – e o retorno

no fim do dia. Os trabalhadores recebem Equipamentos de Proteção Individual (EPI), como óculos, caneleiras, luvas, toucas e camisas compridas para proteção solar. Durante o corte, permanecem sob supervisão de um encarregado, que responde ao fornecedor e ao patrão. Esse encarregado é, geralmente, alguém da confiança do empregador e já chega contratado para essa função.

A faixa etária dos trabalhadores varia entre 22 e 53 anos, sendo aceitos apenas maiores de idade. O salário informado gira em torno de R\$110,00 por dia, com registro em carteira. Ao final do contrato, os trabalhadores têm direito ao Fundo de Garantia do Tempo de Serviço (FGTS) e ao seguro-desemprego, conforme previsto na legislação trabalhista. Contudo, não há acesso a outros benefícios. A empresa fornece café da manhã, almoço e jantar, mas os demais custos do cotidiano são de responsabilidade do trabalhador.

As condições de moradia são previamente organizadas pelos contratantes, e os alojamentos são compartilhados entre os migrantes. Ainda que alguns relatem que gostam da cidade e a considerem “boa para viver”, a maioria expressa desejo de retornar às suas cidades natais, deixando claro que a migração tem motivação essencialmente econômica. Além disso, muitos relatam experiências de preconceito e exclusão por parte da população local: *“Paulistas são preconceituosos”*, afirmou um dos entrevistados.

Mesmo diante das adversidades, os trabalhadores demonstram orgulho de sua profissão e resistem à estigmatização social. Um deles enfatizou: *“Peão não, profissionais da cana”*, reivindicando reconhecimento e respeito pela atividade que exercem. Essa valorização simbólica do trabalho representa uma forma de resistência e construção identitária frente às duras realidades enfrentadas diariamente no campo.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo compreender a realidade dos trabalhadores sazonais da cana-de-açúcar, com foco nos migrantes nordestinos que se deslocam temporariamente para o interior paulista em busca de oportunidades durante a safra. A partir de uma abordagem qualitativa, embasada em entrevistas e em uma revisão crítica da literatura, foi possível evidenciar os desafios enfrentados por esses trabalhadores, que vão muito além das condições materiais do trabalho agrícola.

Os dados demonstraram que, embora haja formalização contratual e fornecimento de equipamentos de proteção individual, as condições vivenciadas nos canaviais continuam sendo marcadas por jornadas exaustivas, alojamentos simples, ausência de benefícios adicionais e insegurança sobre o futuro. O trabalho, apesar de “registrado”, muitas vezes se configura em relações assimétricas de poder, em que o trabalhador permanece vulnerável e invisível diante do sistema produtivo.

As entrevistas realizadas em Santa Bárbara d’Oeste trouxeram à tona percepções importantes sobre a migração, o cotidiano nos canaviais e os impactos emocionais da separação familiar. Os relatos revelaram não apenas a dureza da atividade, mas também o orgulho de quem nela atua. Expressões como “peão não, profissional da cana” demonstram um esforço dos próprios trabalhadores em afirmar sua identidade e resistir à desvalorização de seu ofício.

Além disso, o estudo evidenciou que o trabalho sazonal de corte de cana implica um ciclo migratório que se repete ano após ano, sem garantias de reintegração digna em suas cidades de origem. Apesar de a maioria afirmar que “vale a pena” vir ao Sudeste, há um sentimento constante de transitoriedade, insegurança e marginalização social. Por isso, fica evidente a necessidade de políticas públicas mais eficazes, tanto nos estados de origem quanto nos de destino, que valorizem o trabalhador rural, assegurem direitos e ofereçam alternativas sustentáveis para além da migração forçada pelo desemprego.

Por fim, espera-se que este trabalho contribua para ampliar o debate sobre o trabalho rural no Brasil, especialmente sobre a realidade dos migrantes sazonais, muitas vezes invisibilizados nas estatísticas, mas fundamentais na sustentação de uma das maiores cadeias produtivas do país.

REFERÊNCIAS

ABREU, T. et al. **A cultura da cana-de-açúcar e a modernização agrícola**. Revista de Geografia, v. 30, n. 2, p. 55-74, 2013.

ALMEIDA, Marcos Antônio Ferreira. **Trabalho, território e experiência migrante: uma análise sociológica da contratação de trabalhadores sazonais da cana-de-açúcar no interior paulista**. 2013. 161 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2013.

ALVES, V. C. **As condições de trabalho dos cortadores de cana**. Revista Trabalho & Saúde, v. 5, n. 1, p. 18-29, 2006.

BRASIL. Constituição (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.

BRASIL. Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940. *Código Penal*. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 1940.

BRASIL. Decreto nº 73.626, de 12 de fevereiro de 1974. *Regulamenta a Lei nº 5.889, de 8 de junho de 1973*. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 1974.

BRASIL. Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943. *Aprova a Consolidação das Leis do Trabalho (CLT)*. Diário Oficial da União, Brasília, 1943.

BRASIL. Lei nº 5.889, de 8 de junho de 1973. *Dispõe sobre o contrato de trabalho rural*. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 1973.

BROCHIER, F. et al. **O papel da cana-de-açúcar na matriz energética brasileira**. Revista Científica da FATEC, v. 9, n. 2, p. 35-47, 2016.

CARVALHO, Raquel Alves de. **A construção da identidade e da cultura dos povos do campo, entre o preconceito e a resistência: o papel da educação**. 2014. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP), Piracicaba, 2014.

CESAR, A.; SILVA, J. **História da cana-de-açúcar no Brasil**. Revista História & Desenvolvimento, v. 10, n. 1, p. 20-38, 2003.

GLOBO, Valor Econômico. **Corte manual da cana em SP segue no foco do Ministério Público**. 26 dez. 2014. Disponível em: <https://valor.globo.com/agronegocios/noticia/2014/12/26/corte-manual-da-cana-em-sp-segue-no-foco-do-ministerio-publico.ghtml>. Acesso em: 25 abr. 2025.

JK DE MEDEIROS. **Cana-de-açúcar no Brasil**. Revista PQANP – IFSC, v. 2, n. 1, p. 89-103, 2016. Disponível em: <https://www.pqanp.ifsc.edu.br>. Acesso em: 25 abr. 2025.

LUI, M. C. et al. A cana-de-açúcar e suas múltiplas utilizações. Revista de Agronegócios e Meio Ambiente, v. 4, n. 1, p. 29-44, 2011.

MANZATTO, C. V. et al. **Zoneamento agroecológico da cana-de-açúcar: expandir a produção, preservar a vida, garantir o futuro**. Brasília: Embrapa Solos, 2009.

MENEZES, Marilda Aparecida de; SILVA, Marcelo Saturnino da; COVER, Maciel. **Os impactos da mecanização da colheita de cana-de-açúcar sobre os trabalhadores migrantes**. Idéias, Campinas, n. 2, p. 155-172, 1º sem. 2011. Disponível em: <https://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/ideias/article/view/1852>. Acesso em: 25 abr. 2025.

PINHEIRO, Nataly de Sousa. **Trabalho e subjetividade: uma análise da identidade de trabalhadores migrantes no corte da cana-de-açúcar do Nordeste brasileiro**. 2013. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – Universidade Federal da Paraíba (UFPB), João Pessoa, 2013.

ROCHA, M. C. **O trabalho nos canaviais: entre a exaustão física e a invisibilidade social.** Revista Brasileira de Saúde Ocupacional, v. 32, n. 116, p. 15-25, 2007.

SANTOS JÚNIOR, Luís. **“Quando o espelho não reflete a imagem”:** identidades no contexto do trabalho sazonal da cana-de-açúcar. In: CONGRESSO PORTUGUÊS DE SOCIOLOGIA, 8., 2014, Évora. Anais [...]. Évora: Associação Portuguesa de Sociologia, 2014. Disponível em: https://associacaoportuguesasociologia.pt/viii_congresso/VIII_ACTAS/VIII_COM0015.pdf. Acesso em: 25 abr. 2025.

SILVA, Marcelo Saturnino da; MENEZES, Marilda Aparecida de. **A experiência de trabalho e dos riscos entre os trabalhadores-migrantes nordestinos nos canaviais paulistas.** Saúde e Sociedade, São Paulo, v. 25, n. 4, p. 1122-1135, out./dez. 2016. Disponível em: <https://www.scielo.org/article/sausoc/2016.v25n4/1122-1135/>. Acesso em: 25 abr. 2025.

SOARES, M. A. et al. **A história econômica da cana-de-açúcar.** Revista de História Econômica, v. 7, n. 1, p. 43-60, 2013.

ZAMBON, A. F.; ARAÚJO, R. L. **Desenvolvimento da agroindústria da cana-de-açúcar no Nordeste.** Revista Econômica do Nordeste, v. 45, n. 1, p. 77-94, 2014.